

“Ideologia de género” usada na aproximação ao Chega

Sociólogos dizem que, tal como noutros países, discurso conservador presente no livro apresentado por Passos serve para acordos com extrema-direita

Carla Soares

carlas@jn.pt

ANÁLISE O ataque à ideologia de género feito no livro apresentado por Pedro Passos Coelho não é um apenas mais um discurso conservador e desatualizado, alertam os sociólogos ouvidos pelo JN, mas sim uma réplica da estratégia já usada noutros países para fazer alianças com a extrema-direita. Neste caso, para justificar um eventual volte-face no “não é não” de Luís Montenegro ao Chega na hora de viabilizar o Orçamento do Estado.

Júlia Garraio, investigadora do Centro de Estudos Sociais, lembrou, ao JN, que “estas mobilizações em Portugal contra o que se chama de ideologia de género, no fundo contra os direitos das pessoas LGBT e os direitos reprodutivos, existem há cerca de uma década”. Ou seja, “em termos de debate, não há nada de novo” e o livro apenas se transformou num acontecimento por ter sido apresentado por Passos Coelho e no contexto atual, de governo minoritário.

A seu ver, “PSD e PP estão a ensaiar uma mobilização” com a extrema-direita, quando falta saber “se vai haver aliança com o Chega”. A coautora do livro Religião,



Pedro Passos Coelho apresentou anteontem o livro que gerou polémica

Género e Populismo no Mediterrâneo, de 2023, disse, ao JN, que “estamos a viver o que já se passou noutros países, onde os discursos contra a ideologia de género permitem fazer alianças com a extrema-direita”.

ACORDO COM O CHEGA

Manuel Carlos Silva, investigador do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, criticou a “visão conservadora e desatualizada do que é a família e a sexualidade”, e que põe “em causa conquististas de direitos”, numa

primeira análise geral do livro. Disse ser “um absurdo colocar em questão a ideologia de género quando quem a tem são, sobretudo, estas forças conservadoras, que não veem outra forma de sexualidade e família”.

O sociólogo nota que “setores da Direita e extrema-direita pelo Mundo fora põem em causa a ideologia de género”. Mas mais importante diz ser “o mote dado por Passos Coelho, que não é uma figura qualquer, para que o PSD se abra a um acordo num futuro próximo

com o Chega”. A propósito, destaca a reação do próprio André Ventura.

O investigador crê que a prioridade do PSD será “tentar construir um acordo com o Chega, se esgotadas as possibilidades com o PS”, no que toca ao orçamento retificativo e, sobretudo, ao Orçamento do Estado. Questionado sobre um piscar de olhos ao Chega para as presidenciais, nota que Ventura já admitiu que Passos possa ser o candidato da Direita. Porém, “esta não é decisão para agora”. ●